

**Feito de um mar: a constituição da subjetividade do homem ordinário no curta o  
*papel e o mar***

George Rodrigues Muniz  
Universidade do Estado da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: munizgeorg1@gmail.com

Janaina de Jesus Santos  
Universidade do Estado da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: Janaina.santos@uesb.edu.br

1659

**Palavras-chave:** Corpo negro. João Cândido. Subjetividade

## INTRODUÇÃO

Este estudo propõe analisar a construção da subjetividade do “homem ordinário” João Cândido, através da metáfora do mar, no curta-metragem *O papel e o mar* (Antonio Luiz Pilar, Brasil, 2010, 13’11). Ambientado em Niterói, Rio de Janeiro, o filme narra o encontro fictício entre Carolina Maria de Jesus, catadora de papel e escritora, e João Cândido, catador de latinha e ex-marinheiro. João, figura central que liderou a Revolta da Chibata<sup>1</sup>, declara que sua vida “[...] é feita de um mar” (*O papel e o mar, 2010*), mas foi relegado historicamente ao silenciamento. Assumimos os pressupostos teórico-metodológicos foucaultianos, ancorados nas noções de sujeito, poder e enunciado. Na análise, exploramos as estratégias discursivas empregadas na construção do sujeito João, com foco na dispersão histórica do “homem ordinário”. Vemos como o filme toma o mar para construir a

---

<sup>1</sup> [...] quando milhares de marinheiros se apoderaram dos mais poderosos navios da esquadra brasileira, então uma das mais avançadas armadas do mundo, estacionada na baía da Guanabara para as comemorações da entronização do marechal Hermes da Fonseca (1855-1823), apenas eleito presidente da República. A maruja impôs-se pela força das armas à despótica, aristocrática, elitista e racista oficialidade daquela arma. Dirigindo os canhões dos temíveis encouraçados para a capital da República, reclamaram a anistia, melhores salários, mais dignas condições de trabalho e existência, o fim dos castigos físicos. Mais de duas décadas após a Abolição e a República, os marinheiros, em sua maioria negros, mulatos, pardos e caboclos, eram açoitados como nos velhos tempos do cativo (Maestri, 2010, p. 345).

**Realização:**



**Apoio:**



subjetividade desse homem, explorando o imbricamento entre o contexto histórico e a representação cinematográfica.

## **METODOLOGIA**

A partir dos pressupostos teórico-metodológicos foucaultianos, entendemos o filme como um grande enunciado composto por enunciados menores, bem como que os enunciados estão intrinsecamente relacionados uns aos outros (Fernandes, 2005). Assim, adotamos o método foucaultiano arqueogenealógico de análise, no qual “[...] nosso olhar investigativo se debruça sobre os discursos a fim de enxergar a trama das relações entre saberes, poderes e processos de subjetivação pela lente crítica da história” (Navarro; Sargentini, 2022, p. 38). Então, recortamos um enunciado imagético e dois verbais que apresentam discursivamente João Cândido, posicionado em um contexto histórico e constituído pela metáfora do mar; em seguida, realizamos a descrição e interpretação dos enunciados, num cruzamento entre achados e aporte teórico.

1660

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O curta-metragem inicia com o encontro fictício dos personagens Carolina Maria de Jesus e João Cândido, no centro da cidade de Niterói. Ele questiona Carolina sobre a motivação de devolver a latinha ao lixo, ressaltando que o objeto valia muito mais, e ela o responde que ele pudesse fazer bom aproveitamento. Então, ele acrescenta: “- Calma, eu tô só querendo te ajudar. Porque o meu negócio é o mar!” (O papel e o mar, 2010), apontando em direção ao mar.

Quando ele enuncia que o seu negócio é o mar, produz sentidos de que sua vida foi constituída de um espaço imenso, que, para além de geográfico, é formado pela luta por seus pares e constitutivo de sua subjetividade e experiências. Isso remonta ao personagem histórico, o Almirante Negro João Cândido, da Revolta da Chibata. Trata-se de um homem negro subordinado às relações de poder construídas com base na raça. Relegado a ter sua história e, também, a luta por direitos desqualificadas como desordem e desobediência pelo

**Realização:**



**Apoio:**



Estado que o caracteriza como ordinário, comum, como explicado pelo filósofo: “[...] homens que viveram e estão mortos” (Foucault, 2006, p. 206).

Assim, o sujeito-personagem enuncia o mar durante a narrativa como o seu “negócio”, evidenciando seu vínculo institucional com a Marinha Brasileira, na qual ele teve sua passagem e registro de vestígios de história de vida como insurgente. Assim, forjou uma história de (re)existência que não mais aceitava as chibatadas e os acometimentos instituídos ao seu corpo e aos seus irmãos negros. Tornando “seu negócio”, algo que lhe diz respeito em determinado contexto e por toda uma memória.

Avançando linearmente na narrativa, Carolina e João aparecem sentados em uma praça: um lugar vazio, envolvido por uma luz dramática. Os dois, com vestimentas de cores neutras, à direita o carrinho de reciclagem de João, onde “[...] os elementos organizam-se em volta de um ponto central” (Nogueira, 2010, p. 16), emoldurando os dois corpos negros, como vemos na imagem abaixo:

**Figura 1: João Cândido e Carolina sentados na praça.**



Fonte: Fotograma capturado do filme *O papel e o mar* (2010)<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=73cWnIOfZXM&amp;t=571s>. Acesso em: 06 de jun. 2024. Imagem: 02:43.

Realização:



Apoio:



Durante o diálogo, João Cândido enuncia: "A minha vida é feita de um mar" (*O papel e o mar*, 2010). Novamente trazendo o mar para constituir-se, posicionando-se e reivindicando o reconhecimento de sua existência fora da limitação dos dados estatísticos da governamentalidade do Estado. Considerando que sua vida foi feita de um mar, tanto em um espaço marítimo quanto institucional<sup>3</sup>, João retoma sua história de ex-marinheiro, com a finalidade de se constituir como um sujeito que contribuiu com seu povo e para os direitos humanos. Nas dinâmicas de poder, "[...] o mar foi provocação" (Delumeau, 2024, p. 54), tanto no momento de engajamento na Marinha, como no presente do filme ao rememorar seus feitos, o contexto do mar desafiou o homem negro a se deslocar dos espaços e comportamentos que lhe foram determinados pela vontade de verdade colonial.

Daí o mar é, inicialmente, um espaço estabelecido de disciplina, cujas convenções sociais e institucionais do Estado são reproduzidas paralelamente com a racialidade e leva negros para os serviços de menor prestígio; em outro momento, o Almirante Negro toma esse mesmo mar como lugar de (re)existência contra as técnicas disciplinares, que ocupam e dominam as vidas (com ênfase para as minorias representativas) para se constituir como resistência e buscar outros modos de subjetivação. Assim, a constituição da subjetividade metaforizada pelo mar de subordinados e ajustados - "[...] confirmada pela experiência daqueles que, apesar de tudo, arriscavam-se longe das margens" (Delumeau, 2024, p. 54) – desliza para sujeitos de saber-poder contra a vontade de verdade colonial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a análise, compreendemos que a constituição da subjetividade de João Cândido, cuja existência é metaforizada pelo mar, enfatiza a narrativa de um sujeito, cuja (re)existência teve como princípio a luta por libertação de si e de outros homens negros. Os

---

<sup>3</sup> [...] a Marinha, ao longo da segunda metade do século XIX, paulatinamente abortou o recrutamento forçado, que caçava a laço mendigos, detentos, andarilhos e trabalhadores pobres. A intenção era melhor selecionar o pessoal que entraria para a Marinha, e muitas medidas foram definidas a partir daí, procurando atrair mais jovens, embora sua execução deixasse a desejar. [...] Diante dos "males" oriundos da "raça" destes últimos, não havia como exigir deles alfabetização e formação para enfrentar os novos desafios impostos pelas modernas armadas. Pior: enquanto os negros fossem maioria, somente os castigos corporais – entre eles a chibata – poderiam dominar aquela massa, garantindo as bases da ordem e da boa disciplina militar (Nascimento, 2016, p. 161-165).

Realização:



Apoio:



pressupostos teórico-metodológicos foucaultianos permitiram entender a constituição do Almirante Negro por meio dos vestígios de sua história de vida, como aqueles chamados de infames e registrados por poucas palavras em ordem de prisão. Portanto, o curta-metragem *O papel e o mar* produz uma verdade sobre corpos negros, por meio de enunciados que têm condições de possibilidade de emergir e circular por um suporte privilegiado do audiovisual na atualidade. Concluímos que ele dá visibilidade a histórias e práticas de desobediência no eixo saber-poder que possibilitam outros modos de existência para corpos negros.

1663

## REFERÊNCIAS

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada**. Companhia de Bolso, 2024.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel. 1926-1984. Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV. Tradução: Vera Lúcia Avelar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

**O PAPEL e o mar**. Diretor: Antonio Luiz Pilar. Produção: Lapidar Produções Artísticas. Brasil, 13'11, 2010. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=73cWnIOfZXM&t=2s>. Acesso em: 20 jun. 2024.

MAESTRI FILHO, Mário José Filho. A Revolta da Chibata faz cem anos. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 10, n. 2, p. 345-357, 2010.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. Sou escravo de oficiais da Marinha: a grande revolta da marujada negra por direitos no período pós-abolição (Rio de Janeiro, 1880-1910). **Revista Brasileira de História**, v. 36, p. 151-172, 2016.

NAVARRO, Pedro; SARGENTINI, Vanice. Por uma Arqueogenealogia dos Estudos Discursivos Foucaultianos no Brasil-Cartografias: Entrevista com Maria do Rosário Gregolin. **Revista da Anpoll**, v. 53, n. 2, p. 20-40, 2022.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de cinema III: Planificação e Montagem**. Covilhã: Livros LabCom, 2010.

Realização:



Apoio:

